



JÚLIA BOTELHO DE FARIA BORGES

MULHER, ATLETA E LÉSBICA: ASSUMINDO RISCOS

LAVRAS – MG

2021

JÚLIA BOTELHO DE FARIA BORGES

MULHER, ATLETA E LÉSBICA: ASSUMINDO RISCOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte das
exigências do Curso de Graduação em Educação
Física, para a obtenção do título de Bacharel.

PROF. DR. RAONI PERRUCCI TOLEDO MACHADO

Orientador(a)

LAVRAS – MG

2021

JÚLIA BOTELHO DE FARIA BORGES

MULHER, ATLETA E LÉSBICA: ASSUMINDO RISCOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte das
exigências do Curso de Graduação em Educação
Física, para a obtenção do título de Bacharel.

APROVADA em 4 de Maio de 2021.

Banca Examinadora

PROF. WALESKA VIGO FRANCISCO - USP - Membro

PROF. DR. RAONI PERRUCCI TOLEDO MACHADO - UFLA - Orientador(a)

LAVRAS – MG

2021

*À comunidade LGBTQ+, que busca ser vista e ouvida todos os dias
como forma de luta, trazendo contigo sempre o seu lugar na sociedade.*

A todos, meu desejo de dias melhores e minha forma de contribuição.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Ana Maria e Cláudio pela confiança, suporte, amor incondicional, respeito e aceitação, assim também como à minha irmã Mariana.

Às minhas avós Inês e Lígia e todos os familiares que me apoiaram durante essa caminhada.

À Universidade Federal de Lavras, e ao Departamento de Educação Física.

À amiga e companheira de casa Mariana Ottoni por estar sempre presente nos momentos de conflito, dando conselhos e acalmando da melhor forma.

Aos meus docentes pelos ensinamentos, em especial ao meu orientador Raoni Perrucci Toledo Machado por me amparar em um momento de indecisão, sempre acreditando em mim.

Ao Centro Acadêmico de Educação Física - Gestão Avante e Mestre Moa do Katendê por cada crescimento, conversa enriquecedora, vivências únicas e discussões importantes. Em especial aos amigos Thiago Souza e Ricardo Moura.

Aos amigos que estiveram comigo durante toda a graduação. É tamanha a gratidão pela parceria e superação de vários obstáculos juntos. Daniela Kayali, Gabriel Benedito e Adrielle Lopes, vocês são ímpares.

À Jaqueline, por todo o apoio, carinho, confiança e amor, estando ao meu lado não apenas nos momentos de conquistas mas também nos de frustração.

Às atletas que se dispuseram a participar de bom grado da pesquisa.

A Deus, por guiar meus passos da forma mais bonita e certa possível, mesmo que tortuosa.

Em especial à toda a comunidade LGBTQ+ que me ensinam todos os dias a luta por sermos quem somos. A todos gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, *queers* que passaram pela minha caminhada deixando um pouco de si mostrando a resistência de existir.

A todos vocês, MUITO OBRIGADA.

*Não tenha pena dos mortos. Tenha pena dos vivos, e acima de tudo,
daqueles que vivem sem amor.*
(Alvo Dumbledore)

RESUMO

O ambiente esportivo carrega em si, desde os primórdios, uma estrutura machista e conseqüentemente homofóbica. Com o passar dos anos, atletas fora da heteronormatividade começaram a se assumir enquanto parte da comunidade LGBTQ+, trazendo uma nova visão para os exemplos de “heróis” da sociedade. Diante disso, através de uma pesquisa qualitativa, feita com as maiores referências esportivas, mulheres que são ou foram atletas olímpicas, que se assumiram fora da heterossexualidade, porém dentro do esporte. Observamos quais mudanças aconteceram no esporte depois desse assumir, como e qual foi a repercussão da mídia e o que isso acarretou na carreira das atletas, através de uma entrevista interpretada pela análise de discurso com tópicos como homossexualidade, reações externas e públicas, e preconceito dentro do esporte iremos ver um resumo da vida dessas mulheres olímpicas.

Palavras-chave: Sexualidade Esportiva. Jogos Olímpicos. Lésbica. Preconceito.

ABSTRACT

The sports environment loads itself a macho, and consequently homophobic, structure from the very beginning. Over the years, athletes outside heteronormativity began to come out as part of LGBTQ+ community, bringing a new vision to the examples of “heroes” of society. Therefore, through a qualitative research, this study was carried out with the greatest sports references, in this case, women who are or were Olympic athletes, and assumed themselves outside of heterosexuality but within the sport. We will observe what changes happened in the sport after the come out, how and what was the repercussion of the media, what this caused in the athletes' career, through an interview interpreted by the discourse analysis with topics such as homosexuality, external and public reactions, and prejudice within the sport we will see a summary of the lives of these Olympic women.

Key words: Sports sexuality. Olympic Games. Lesbian. Prejudice.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	3
O atleta.....	3
Jogos Olímpicos	4
A não heteronormatividade dentro do alto rendimento	5
3. OBJETIVOS.....	7
4. METODOLOGIA	7
Tipo de Pesquisa	7
Participantes	7
Instrumentos e Procedimentos de Coleta de Dados	8
Análise dos Dados Coletados.....	8
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	8
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	13
REFERÊNCIAS	15
ANEXO	17

1. INTRODUÇÃO

O esporte sempre foi uma área que me interessou, desde a sua prática até assistir as grandes competições realizadas ao longo dos anos. Alguns fatos me vêm à cabeça quando se trata desse assunto, como a passagem por treinos tanto de esportes individuais, coletivos, de combate e até os considerados de aventura. O primeiro contato foi com o judô. Após alguns meses no *ballet*, passando por apresentações e várias crises causadas pela timidez, do receio com grandes platéias e por não me sentir pertencente àquele universo, disse aos meus pais que gostaria de praticar judô com os meninos, indo a combates e já querendo me destacar de alguma forma, porém seria a única menina tanto da turma quanto em tais competições. Esse ato de rebeldia se deu aos 5 anos de idade e desde então já percebia que não era como as outras garotas por ter gostos distintos da maioria. Algum tempo depois experimentei o universo dos esportes individuais ao treinar natação e participar em competições, porém não foi tão efetivo uma vez que a descoberta de uma condição de saúde me limitava para essa, a asma. Porém o sonho era outro. Desde criança o futebol sempre me encantou. Lembro de assistir à Copa do Mundo de 2002 e não perder um jogo sequer do Brasil e, a partir disso, pedir constantemente aos meus pais para poder participar de treinos de futsal. Contudo, fui negada por ser um esporte considerado “masculino”. A criança não diferencia um esporte por gênero, logo não entendi a referência, mas acatei e aceitei ser colocada no voleibol, onde passei 2 anos treinando e competindo pelo Colégio Marista Dom Silvério de Belo Horizonte.

O segundo ato de rebeldia se deu mais tarde, quando não aceitei treinar um esporte que não amava, no caso o voleibol, e insisti no futsal, sendo negada mais uma vez. A partir disso, conheci a prática pela qual iria me apaixonar, o basquetebol. Ser diferente do padrão de feminilidade que nos é imposto, como vestir certo tipo de roupa, brincar com “coisas de menino”, gostar de futebol e jogar bola bem, entre outros estereótipos de situações consideradas masculinas, são a fórmula perfeita para o início do *bullying*, ainda mais se tratando de adolescentes em uma escola elitizada, e foi nesse contexto que o basquetebol me acolheu. Foram 6 anos competindo pelo mesmo colégio e 6 anos convivendo com pessoas as quais mantenho amizade até os dias atuais. Com a mudança de escola durante o Ensino Médio precisei me afastar dos treinamentos e, conseqüentemente um pouco do esporte, porém sem deixar de brincar descompromissadamente nos finais de semana. Nos intervalos de práticas competitivas, treinos e

estudos, usava meu tempo ocioso de final de semana para andar de skate, patins, fazer trilhas e entre outros.

Alguns anos mais tarde, já no final do Ensino Médio, me conheci e entendi como mulher lésbica. A admiração para com as mulheres dos esportes femininos passou a ser também por identificação ideológica. Ao longo dos anos foi sendo falado mais abertamente sobre a orientação sexual e identidade de gênero. Com isso, alguns atletas começaram se assumir enquanto homossexuais, lésbicas, bissexuais, transexuais, mesmo sendo figuras públicas em um ambiente tão machista, transfóbico e conservador quanto o mundo do alto rendimento esportivo.

Cresci em um ambiente de classe média alta, morando na Zona Sul de Belo Horizonte, estudei em escolas particulares e, entre as pessoas do meu convívio, não se falava em homossexualidade de uma forma concreta, apenas pejorativamente ao chamar o colega de “viadinho”, e mesmo assim, não se sabia o porquê daquilo. Apenas a partir dos anos 2000 que o assunto começou a ser tratado com mais naturalidade, logo, antes disso as crianças nascidas nos anos 90 e até mesmo antes não tinham muito aonde se agarrar ter algum tipo de identificação. Isso não apenas se tratando dentro do âmbito esportivo, mas em todos os meios.

Em 2014 entrei em Educação Física na Universidade Federal de Lavras, voltando ao esporte mais uma vez. Estar em uma universidade pública nos mostra que vivemos em uma sociedade heterogênea e estamos predispostos a conhecer e conviver com todos os tipos de pessoas, variando etnias, orientações sexuais e identidades de gênero, práticas religiosas, entre outros. E foi convivendo e aprendendo a cada dia com essas diferentes pessoas que aprendi a trabalhar a qualidade que é se colocar no lugar do outro: a empatia. Trabalhar também a nossa voz para que ela possa ser ouvida e dando lugar para que outras pessoas também tenham o direito de falar.

Foi pensando nessas vozes a serem ouvidas e em posições de influência que cheguei ao tema desse trabalho, escolhendo falar sobre o Olimpismo e o Movimento LGBTQ+. Os atletas são muitas vezes vistos como heróis, tendo pessoas que se inspiram neles, acreditam em seus ideais e que os colocam como exemplos para a sociedade. No início do século XXI, homossexualidade e suas vertentes deixaram de ser um assunto tabu e, com isso, muitos atletas foram se assumindo, se aceitando, e levantando bandeiras.

Este estudo fará um mapeamento de atletas LGBTQ+ nos Jogos Olímpicos, com ênfase nas mulheres assumidas, aonde analisaremos as influências em suas vidas e no esporte após dado

momento da declaração. Com a visibilidade conferida a essas atletas tanto pelo fato de serem olímpicas, quanto por não estarem dentro da heteronormatividade, quais as interferências que foram obtidas em âmbitos profissionais e interpessoais posteriores a revelação ao público? Imaginando que, por motivos do esporte feminino ser preterido no Brasil e por haver um tabu ao falar sobre homossexualidade, a mídia deva dar uma visibilidade temporária a essas atletas. Contudo, acredito que o apoio e suporte na decisão tenha sido grande por parte da equipe técnica e colegas de time.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O atleta

Debatendo sobre a caracterização em que se relaciona o atleta ao mito do herói, Rubio (2001) apresenta características do atleta profissional:

Esse indivíduo a quem nos referimos, que vem a ser identificado como um ser raro, um entre milhares, usufrui dessa condição [ser herói] uma vez que é mínima a parcela da população que pratica esporte com finalidade competitiva e consegue atingir níveis de atuação e exposição que justifiquem a sua situação de ídolo. O preparo físico (e por que não psicológico também) extraordinário que tem o atleta, que envolve a explicitação inevitável da busca e superação de limites, torna-o alvo de identificações e projeções, levando-o a ser adorado por sua torcida, e respeitado, e por vezes odiado, pelos adversários. (p.100).

Portanto o que identificamos enquanto atleta profissional tem uma visibilidade e é dado como exemplo desde os primórdios da humanidade, podendo ter seu início de fato sendo ambientado na Grécia Antiga, quando tal reconhecimento teve seu começo de projeção para a sociedade, enaltecendo esses heróis e trazendo-os como pessoas com não só um estilo de vida a ser seguido, mas também pelas conquistas a serem exaltadas.

O atleta como herói é colocado como uma representação do imaginário coletivo conforme explicita Rubio (2001), ou seja, estamos dizendo sobre uma pessoa idealizada por nossas projeções de crenças e anseios, bem como a necessidade de cada um de superar ou ultrapassar os limites humanos. Jovens e crianças podem vir a desejar e atuar como um esportista por meio de

características e recursos do imaginário que estão presentes no esporte. Esse imaginário coletivo é reforçado pela mídia que traz a constante luta e satisfação do atleta, sendo esse visto como alguém que desfruta de prazeres e regalias especiais em relação ao restante da população.

Para além disso, a mídia e o esporte estão unidos em uma relação de reciprocidade, visto que a cultura e o fenômeno esportivo estão em um processo de mundialização crescente, aonde não há mais a renúncia da participação da mídia em sua produção, difusão ou transformação (THOMPSON, 1995). Ela é responsável e capaz de construir, armazenar, reproduzir, reconstruir e circular significados acerca do mundo, visto que estão inseridos em um espaço e tempo determinados, mas sem limitar, tendo que repassar para pessoas que não estão participantes espacial e temporalmente naquele momento. Com isso, a mídia tem um papel central e muito importante na criação de métodos referentes à naturalização da igualdade de hierarquia entre gêneros, como veremos mais à frente.

Jogos Olímpicos

Os Jogos Olímpicos são um evento de extrema mobilização e repercussão, principalmente midiática. Fazendo uma pequena retomada, teve sua origem em Olímpia, na Grécia, no século VII a.C. aonde tinha como filosofia a busca pela integração dos povos, paz, solidariedade e, principalmente, educação do homem através do esporte. Explicado por Todt (2007), “O espírito competitivo dos jogos gregos era uma contrapartida da arte da guerra e tinha uma grande profundidade espiritual e religiosa, enquanto que hoje tem um caráter ‘producionista’ e um forte matiz político.” (p. 217-218). Após uma interrupção dos jogos por 15 séculos, foi retomado no final do século XIX por Pierre de Coubertin, com o intuito de dar início a uma organização internacional que pudesse manejar uma atividade que fosse capaz de moldar e transformar a sociedade, no caso o esporte. Se dividem em Jogos de Verão e Jogos de Inverno, acontecendo de quatro em quatro anos, tradição advinda da Grécia antiga, e alternando-se entre eles de dois em dois anos. Contudo, a retomada do chamado Jogos Olímpicos da Era Moderna em 1896 tinha como foco apenas competidores homens, fazendo assim com que a presença feminina fosse proibida. Essa decisão da restrição se manteve apenas durante a primeira edição dos Jogos, devido a grande pressão de movimentos de inclusão feminina em diferentes setores sociais, incluindo o esporte.

Com toda sua visibilidade dentro da sociedade atual, Rossi (2017) destaca o espaço da

mídia esportiva aumentando em detrimento da proporção de tal evento. E não somente a especializada, mas em todas suas categorias. Segundo a autora: “As competições femininas, masculinas e mistas são contempladas com uma maior variedade de reportagens e destaques a atletas e equipes, incluindo mais possibilidades de visibilidade a atletas e equipes femininas.”

Souza e Knijnik (2007) dissertam sobre o espaço midiático não se privar apenas as conquistas, desempenho e carreira da atleta mulher. Eles procuram relacionar o esporte a vida pessoal das atletas a fim de mostrar que, além de terem uma carreira de sucesso e estarem inseridas no contexto esportivo, elas ainda têm outras áreas da vida que continuam como “deve ser”, ou seja, para além da carreira ainda buscam ressaltar que são mães, estudantes, homossexuais. Fazendo com que isso tire delas a imagem de heroína perfeita que até então não teria defeitos, e as traz para a realidade da população, para que sejam um exemplo a ser seguido não só profissionalmente como também no âmbito pessoal. Quem estiver recebendo essa informação passada pela mídia irá se conectar com a atleta em uma autenticidade e conexão que será estabelecida a partir dessa semelhança com a mulher do dia-a-dia.

A não heteronormatividade dentro do alto rendimento

Diante disso que foi colocado sobre o papel da mídia como criadora de opiniões além de disseminadora de informações, temos visto cada vez mais uma inquietação quando comentado sobre as sexualidades e práticas sexuais dos atletas nesse mundo esportivo. O assunto e a discussão sobre orientações sexuais se popularizaram no final do século XX e tendo muito mais visibilidade a partir do século XXI, quando cada vez mais atletas vieram a público e levantando a bandeira do Movimento LGBTQ+ como uma forma de mostrar que a voz não seria mais calada.

A indignação colocada por Camargo (2018) diz respeito a como isso é moldado, fazendo com que uma decisão tão importante da pessoa seja colocada nos tabloides como assunto recorrente na imprensa mundial, principalmente perto e durante a época de Jogos Olímpicos. A revelação da homossexualidade no meio esportivo vem incomodando a opinião pública.

“Vale demarcar, antes de tudo, que a referência a ‘sair do armário’ ou ‘do closet’ tem estreita relação com o verbo *to come out*, que significa, genericamente, fazer-se aparecer ou tornar algo público. No entanto, também pode significar *to declare oneself openly* (declarar-se abertamente) e tal acepção adquire maior peso quando a expressão é pronunciada no tocante à orientação sexual: ‘declarar-se’ *gay* ou *lésbica*, por exemplo, passaria de uma questão íntima (privada) para um domínio público e, portanto, alvo de julgamentos morais” (Camargo, 2018).

Tredway (2014) exemplifica essa inquietação citando a atleta francesa de tênis de quadra Amélie Mauresmo que, ao se assumir enquanto mulher lésbica recebeu descrições masculinas tanto sobre seu corpo quanto de seu sexo físico. Ou seja, no caso de Mauresmo, ser lésbica trouxe o entendimento visual de masculinidade. Fato esse a ser discutido por Wittig (1992), nos trazendo a existência do pensamento hétero como padrão, e tudo que esteja nas extremidades é adjacente. Ao bater forte em uma bola de tênis, como Mauresmo foi exemplificada para demonstrar a masculinidade, remete-se ao fato de apenas homens conseguirem realizar tal ação, pois uma mulher não conseguiria essa proeza. Ser lésbica, mudaria essa perspectiva, pois estaria fora do padrão feminino heterossexual de fragilidade.

Segundo Goellner (2013), os estudos relacionados aos esportes que dão visibilidade às sexualidades divergentes da heterossexualidade ainda são poucos e possuem baixa circulação, o que acaba praticamente invisibilizando os sujeitos que escapam da norma heteronormativa. Ao ser entrevistado por Rodrigues (2017), o historiador olímpico LGBTQ+ Tony Scupham-Bilton nos aponta um dado aonde cerca de 257 atletas não heterossexuais tenham participados de Jogos Olímpicos desde o ano de 1928, porém, muitos deles só se tornaram públicos após a época competitiva de tais atletas. Fato esse que instigou tal estudo.

Para além do entendimento do lesbianismo como forma de masculinização da mulher, temos que abordar sobre o preconceito. Segundo Silva (2007) é uma atitude hostil ou negativa para com determinado grupo baseada em generalizações deformadas ou incompletas, porém, teoricamente, o preconceito também pode ser positivo, mas sendo utilizado pela população leiga para se referir a atitudes negativas.

Já tratando de pesquisas referentes ao preconceito contra homossexuais, em uma análise de discurso religioso, observou-se que instituições religiosas ocidentais consideram os homossexuais como pecadores e, por causa da orientação sexual destes, as mensagens utilizadas pelas instituições são as de que os homossexuais são indivíduos indesejáveis e que não podem participar das atividades religiosas (PEREIRA, 2004).

Diante de todo esse cenário de exclusão, preconceito e discriminação que tem acontecido desde os primórdios, a população LGBTQ+ se uniu para que houvesse um evento em que não se sentiriam mais deslocados, almejando criar uma atmosfera amigável para a prática de esportes por pessoas que não se consideravam heterossexuais, o *Gay Games*. A origem do nome é controversa até hoje, uma vez que em uma disputa judicial no início dos anos 1980, o Comitê Olímpico Norte-americano (USOC) proibiu a Federação dos Gay Games (FGG) de se

apropriarem da expressão “Olimpíadas”, uma vez que “difamava o espírito olímpico”, como foi colocado (CAMARGO, 2014). A partir de então, no verão de 1982 aconteceu a primeira edição dos *Gay Games* tendo São Francisco como cidade sede, e que incluía homossexuais, bissexuais e travestis competindo os esportes.

Todas essas colocações e afirmações mostram o motivo de tanto questionamento sobre a homossexualidade em meio ao esporte e a importância da fala das atletas sobre suas experiências, principalmente por vivenciarem o alto rendimento tão faticamente como atletas olímpicas. A falta de influências brasileiras femininas assumidas no esporte enquanto LGBTQ+ trouxe uma falta de representatividade no início do século que está sendo suprida agora. Crianças e jovens fora do padrão hétero que cresceram na última década, têm visto cada vez mais atletas se descobrindo e se assumindo publicamente. Um importante ganho para a comunidade LGBTQ+ e para a comunidade esportiva.

3. OBJETIVOS

A pesquisa tem como objetivo relatar e interpretar experiências vividas por atletas olímpicas que se assumiram enquanto mulheres LGBTQ+ durante ou não a carreira, descrevendo as possíveis influências que a decisão teve para o mundo esportivo e buscando entender o que as motivou para tal propósito, se houveram comportamentos discriminatórios, como enfrentaram e qual foi a recepção da equipe esportiva diante de tal fato.

4. METODOLOGIA

Tipo de Pesquisa

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que se realizou através de uma entrevista semiestruturada com os participantes.

Participantes

São voluntários da pesquisa 3 atletas mulheres que competem ou já competiram em ao menos um Jogos Olímpicos, adultas, que se identificam enquanto LGBTQ+, e que aceitaram

participar da pesquisa após convite.

Instrumentos e Procedimentos de Coleta de Dados

O contato inicial se deu por meio de redes sociais e/ou celular, pelos quais foram expostas a pesquisa aonde expus a pesquisa e os objetivos para as possíveis participantes. Após o aceite das participantes da amostra, foi enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - ANEXO I) via *Google Forms* (*Google Inc., Mountain View, Califórnia, EUA*) para devida autorização da participação.

Em um segundo momento, foram marcadas entrevistas semiestruturadas (ANEXO II) com as atletas para a coleta de dados. Essa entrevista se baseava em duas perguntas centrais em que as participantes discutiriam sobre o tema proposto de forma livre, contando experiências próprias. As entrevistas foram realizadas via *Google Meet* para que pudessem ser gravadas a fim de que fossem transcritas posteriormente. Antes de iniciar, o TCLE foi relido e dúvidas foram tiradas.

Análise dos Dados Coletados

Para tratar do assunto apresentado, realizamos uma análise de discurso das entrevistas das atletas. Os assuntos tratam sobre a realidade e percepção de quem observa e quem está sendo observado, levando em conta o respeito no esporte, preconceito, a sexualidade em evidência e a representatividade no esporte de atletas que estão em constante foco, se tratando de olímpianos.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir desse momento, por questão de sigilo e proteção das participantes da amostra, estas serão identificadas como A1, A2 e A3. Todas elas sendo atletas que já competiram nos Jogos Olímpicos, mulheres que se entendem por LGBT, sendo as 3 lésbicas e que competem ou competiram em diferentes modalidades, sendo elas Taekwondo, Rúgbi e Futebol. As atletas A1 e A3 já se aposentaram do esporte, contudo A2 continua competindo ativamente.

Durante as entrevistas foram feitos dois pedidos. O primeiro para que as atletas contassem alguma situação que aconteceu depois que elas se assumiram e o segundo para que elas contassem um momento em que a sexualidade tenha sido colocada em evidência, seja pela mídia, pela família, por colegas, etc. Com as respostas dadas, foi possível perceber situações de respeito

no esporte, de preconceito, da sexualidade em evidência e de representatividade.

Tratando de respeito e preconceito, todas salientaram que não houveram situações discriminatórias durante a trajetória de atleta, porém destaque a fala de A3 em que, logo após responder que não havia passado, conta sobre uma situação ocorrida dentro do ambiente de trabalho:

“é (...) os treinadores, comissão técnica, as atletas, todos sabiam. Dentro da Seleção Brasileira também, no tempo que eu joguei, todos sabiam, mas pra mídia, nas redes sociais, pro público, eu me assumi faz pouco tempo. (...) depois que eu me assumi publicamente eu tive um retorno bem positivo até. Bem melhor do que eu esperava. Só que ao mesmo tempo é um pouco assustador a repercussão que dá.”

“A partir do momento que às vezes você faz um treino ruim, que você faz um jogo ruim, ou às vezes você não tá em um bom dia, todo mundo já começa a associar isso com seu relacionamento (...) só que quando tá tudo bem, tá tudo bem. Mas quando acontece algo negativo, sempre colocam a culpa pro relacionamento.”

“Eles falam que entendem, mas o primeiro obstáculo; uma coisinha que acontece, eles já mostram o contrário entendeu? Então é bem complicado.”

O mesmo conflito de paradoxo entre ser respeitada e nunca ter sofrido preconceito pode ser reparado nas falas da A1:

“(...)na época das Olimpíadas vários e vários e vários meios de comunicação, é... Tv, internet, jornais, tudo vieram falar comigo: ‘o que que você, é... como foi quando você se assumiu, quantas vezes você sofreu preconceito’ e eu falo ‘gente... é, assim, eu não vou falar o que todo mundo quer ouvir, eu vou falar o que realmente aconteceu comigo: eu nunca sofri preconceito pela minha sexualidade.’”

Mas logo depois conta:

“Ah, já aconteceu uma vez ou outra de tipo ‘tá’ na pesagem e a gente tem que ficar de top e de calcinha. Já aconteceu de uma ou outra ficar desconfortável de estar perto, mas... não ligo. Não sou de ficar indo na internet fazer textão, não sou de ficar triste. Não ligo mesmo, porque é coisa que pra mim não ia mudar nada.”

Como colocado por Guimarães (2004), o preconceito é uma crença preestabelecida nas qualidades morais, intelectuais, psíquicas, físicas e/ou estética de uma pessoa diante de uma ideia tida anteriormente, e esse preconceito pode ser revelado de diversas formas, como verbal ou comportamental. Quando colocado de forma sutil, como foi exemplificado acima pelas atletas, são ignorados e tratados como situações da normalidade. Ainda que se adote o posicionamento contra a discriminação à população LGBTQ+, existem práticas enraizadas de intolerância e violência “sutis” que são mais difíceis de identificar e abordar.

Em contrapartida, existem formas explícitas não só em relação à comunidade LGBTQ+, mas também com a objetificação das mulheres, como foi descrita pela A2 em uma situação vivida em um período pós Jogos Olímpicos:

“(...) Então... Uma história depois disso foi um momento de constrangimento de fazer uma entrevista... Ser chamada para fazer uma entrevista pra um canal e foi, e de repente chegou na pauta Musas Olímpicas. E eu fiquei: ‘como eu tiro minha cara disso?’, porque foi assim, objetificação das mulheres atletas.”

“Me deu muito esse choque de perceber que existem esses preconceitos muito fortes ainda e vai demorar muito para conseguir quebrar esses pensamentos e ter essa conversa sobre estereótipos de gênero, de heterossexualidade, de... como norma da sociedade.”

Entrando no mérito de serem reconhecidas como mulheres, atletas que por ventura vêm ser lésbicas, todas fizeram a mesma colocação. Não querem ser resumidas apenas à sexualidade. Algo que Souza e Knijnik (2007) colocam ao relacionarem o esporte com a vida pessoal das atletas. Mas ao mesmo tempo, uma inquietação para Camargo (2018), pois ainda existem

veículos de notícias que trazem essa decisão de se assumir como pauta principal quando falam de determinados atletas.

A A2 fez uma consideração perfeita em relação a essa discussão, em que disse:

“Até que hoje em dia eu brinco que eu preciso relembrar as pessoas que eu atuei nos Jogos Olímpicos e não fui só pedida em casamento lá. Mas sim, foi de repente muitas entrevistas que eram pautadas nesse assunto, pra eu falar sobre diversidade sexual, falar sobre inclusão no esporte, que eu acho maravilhoso e que é incrível que essa pauta esteja chegando cada vez mais no mainstream, mas ao mesmo tempo... e por isso talvez alguns atletas e algumas atletas não se assumem, porque o foco realmente vira atleta gay, atleta lésbica. E isso vai ser sempre um ponto muito prioritário parece, pra a mídia.”

“Não quero que eu seja só a atleta lésbica, eu quero ser uma atleta. Eu sou uma atleta. E ser lésbica é só uma faceta da minha identidade. E isso é entre tantas, de ser esposa, de saber se mãe de gato, tem tantas outras facetas da minha identidade. E ser atleta eu acho que poderia cada vez mais ser o foco e a prioridade, podemos dizer. O meu ofício e minha profissão, e não a lésbica que também é atleta.”

Em relação a sexualidade ser colocada em evidência, foram essas as colocações:

A1:

“Ah, foi nas Olimpíadas mesmo. Saiu em tudo quanto é jornal do mundo inteiro a lista de todos os atletas LGBTs do mundo e minha cara tava sempre lá. Mas normal, normal assim... Tanto pra mim quanto pra minha família era uma coisa meio que assim, irrelevante sabe... Mas isso não quer dizer que eu não me importe com as pessoas que realmente sofrem preconceito”

“(...)você tem que ser uma pessoa de caráter e ser lembrado pelo que você produz, pelo que você é, sabe. Você ser lembrado pelo ótimo atleta que você é, ótimo profissional que você é e depois a sexualidade vem.”

A3:

“Vou falar pra você, eu não me recordo disso assim. Justamente por eu não dar a chance de alguém ficar jogando isso na minha cara. Foi o que eu falei, eu sempre fui muito reservada.”

“Então isso não dava a chance de falar isso que você falou ‘nossa, isso é mais importante que o seu trabalho’. Eu não queria transparecer isso em momento nenhum. (...) Então, sobre isso a gente não se permitiu a fazer isso. O seu pessoal não é mais importante que o seu trabalho.”

Quando tratada a questão de representação como atleta, são bem diversas as opiniões. A A2 compreende seu lugar de exemplo para outras pessoas, como discutido nos dizeres do atleta herói, no qual sua representatividade pode refletir em crianças e jovens ao se identificar com características do esportista. Nesse caso específico, a sexualidade.

(Depois do pedido de casamento) “a gente teve que parar, sentar e conversar sobre ‘a gente vai aceitar essas pautas?’ Ou a gente para e fala ‘essa é nossa vida particular’ e não falamos sobre isso mais?’ e ir desenhando um limite de privacidade. E a gente pensou muito sobre o que queríamos fazer como casal mesmo. E a gente percebeu o efeito que esse pedido teve em várias pessoas anônimas, que nós não conhecemos pessoalmente e que não conhecem a gente, mas que entraram em contato pra dizer que foi um gesto que foi muito importante pra elas. E eu pensei que ‘poxa, eu talvez teria tido uma vida muito mais diferente se eu tivesse visto isso quando tinha 12/13 anos’. Então foi um momento de perceber que sim, precisamos falar sobre isso e talvez a gente consiga chegar nessas pessoas (não as únicas que vamos falar sobre isso), mas podemos fazer parte dessa militância.”

“(...)eu penso que se na minha adolescência a gente nem falava sobre (...) eu talvez senti que o meu pedido de casamento foi uma coisa que era notícia na época e eu espero que seja cada vez menos notícia pra quem vem na frente. E hoje em dia as pautas têm outra

linguagem, tem outro tom, é menos pesado, são mais pessoas comemorando a felicidade e o amor. Então dentro da minha vida eu consegui perceber essas mudanças. Me dá muita esperança, me deixa muito otimista que as coisas estão indo na direção certa.”

Ao ser questionada sobre o mesmo, a A1 não diz ser levantadora de bandeiras nem de militâncias, porém o que diz mostra diferente:

“(...) eu nunca fui de erguer bandeira nenhuma, sabe, nunca fui de me engajar dentro de bandeira e de grupos LGBTs (...). Agora que eu me aposentei e não sou mais atleta, eu comecei a acompanhar muito mais o futebol feminino tanto aqui nos Estados Unidos quanto no Brasil, e isso sim eu vejo que tem muito preconceito, tem muito machismo, e é uma coisa que eu brigo mesmo na internet quando vejo alguma coisa e algum comentário maldoso demais. Eu vou lá e brigo e brigo e defendo mesmo.”

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho conseguiu coletar falas e apresentar argumentos sobre como é ser LGBTQ+ dentro do alto rendimento quando falamos sobre atletas olímpicos, demonstrando questões sobre preconceito, representatividade e como a decisão de se assumir foi vista tanto pro esporte, quanto para a vida pessoal das atletas.

Os resultados da investigação acerca das interferências interpessoais nos mostram que para as atletas houve um momento determinante em que decidiram se apropriar dessa pauta de discussão ou não, visto que estariam abrindo mão de uma parte da vida particular e tratando a sexualidade de forma pública. A indecisão de falar sobre o assunto se volta para a questão de que estariam “levantando bandeira”, e com isso, teriam seu nome associado ao movimento LGBTQ+. O receio das entrevistadas foi o mesmo quando abordada essa questão: ser reconhecida pela orientação sexual mais do que pelas conquistas enquanto atletas; pela profissão.

Passando para as interferências profissionais, realmente vimos um apoio de toda a equipe técnica, independente da atleta ser de modalidade coletiva ou individual, com colocações que exemplificam que todos sabiam e mesmo assim não faziam distinção das outras. Porém vimos o futebol como um esporte mais cobrador de resultados que utiliza a sexualidade para justificar erros e acertos. O que nos traz o preconceito enraizado e velado da sociedade, provindo não

apenas de comportamentos, mas também de verbalizações e muitas vezes de forma sutil. Com isso, vemos a dificuldade das atletas em identificarem o que é ou não preconceito, passando até a responder que nunca sofreram nenhum tipo de discriminação. Contudo, essa coragem de se assumir carrega vários riscos, não só se tratando de atletas, mas de pessoas. Riscos esses como a violência física e psíquica, perda dos laços afetivos como família, amigos, patrocinadores, e chegando até no risco da própria vida.

Falar sobre a mídia englobando toda a amostra do trabalho é impossível, visto que uma das atletas só tornou sua sexualidade pública após se aposentar do esporte. Porém é importante salientar a maior visibilidade do assunto em época de Jogos Olímpicos, quando toda a imprensa procura colocar atletas LGBTQ+ como centro de notícias. Logo, é sim temporária a visibilidade midiática das atletas quando dizemos sobre essa pauta.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Wagner X. O armário da sexualidade no mundo esportivo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.26, n.1, p.1-18, (2018)

CAMARGO, Wagner X. Uma história diferente: os Gay (Olympic) Games e sua origem. *Revista Homium*, v. 1, p. 36-54, 2014.

DE SOUZA et. al. “Bota a cara no Sol”: O silêncio e a resistência na empregabilidade LGBT. **Revista Horizontes Interdisciplinares da Gestão**, v.4, n.1, jun. de 2020

GOELLNER, Silvana V. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Tempo**, Niterói , v. 19, n. 34, p. 45-52, June 2013.

GUIMARÃES, A. S. Preconceito e discriminação. São Paulo: Editora 34. (2004).

MARKUNAS, Marisa. Psicologia do esporte no desenvolvimento do papel profissional de atleta. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**. 1(1), 01-13. (2007).

PEREIRA, A. S. L. S. Representações sociais do homossexualismo e Preconceito contra homossexuais. 2004. 144 f. **Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Mestrado em Psicologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia.**

RODRIGUES, Alysson. Vai começar a Champions LiGay: conheça as histórias e como surgiu o primeiro Brasileirão homossexual. **Lance**, 23 nov. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2qzsK6q> . Acesso em 15 Mar 2020.

ROSSI, Julia. (DES) Construindo atletas olímpicas: Análise das práticas discursivas sobre mulheres atletas, no contexto das Olimpíadas de 2016. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X. (2017)

RUBIO, Katia. **O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo**. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo. (2001)

RUBIO, Katia; REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo; TODT, Nelson Schneider; MESQUITA, Roberto Maluf. Ética & compromisso social nos estudos olímpicos. **Ética & compromisso social nos estudos olímpicos** [S.l: s.n.], (2007).

SILVA, A. N. N. Homossexualidade e Discriminação: o preconceito sexual internalizado. 2007. 390 f. **Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica**. Rio de Janeiro. 2007.

SOUZA, J. S. S.; KNIJNIK, J. D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil . **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 35-48, 2007. DOI: 10.1590/S1807-55092007000100004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16642>. Acesso em: 15 mar. 2020.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, (1995)

TREDWAY, Kristi. Judith Butler Redux—the heterosexual matrix and the out lesbian athlete: Amélie Mauresmo, gender performance, and women’s professional tennis, *J. Philos. Sport* 41, 163 (2014).

WITTIG, Monique. O pensamento hétero. EUA: 1980b. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/266100494/Wittig-Monique-O-Pensamento-Hetero-pdf>. Acesso: Mai. 2021

ANEXO I

ANEXO I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

I - Título do trabalho experimental: Mulher, sexualidade e Jogos Olímpicos: assumindo riscos

Pesquisador (es) responsável(is): Raoni Perrucci Toledo Machado; Júlia Botelho de Faria Borges

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Lavras/Departamento de Educação Física

Telefone para contato: (031) 99776-4645 (Júlia)

Local da coleta de dados: Os dados serão coletados onde o participante da entrevista achar mais acessível, desde que seja um local que não interfira na coleta. Poderá utilizar-se de programas computacionais de videoconferência ou gravadores de áudio.

Prezado(a) Senhor(a):

- Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de forma totalmente voluntária da Universidade Federal de Lavras.
- Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento.
- Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decida a participar
- Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira
- Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito, não acarretando qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador.

II - OBJETIVOS

Analisar e relatar a influência de atletas mulheres do alto rendimento, que se identificam enquanto LGBTQ+, após terem se assumido publicamente. Quais foram as conseqüências positivas e negativas que tiveram tanto em relação ao esporte quanto em relação ao público.

III – JUSTIFICATIVA

A escassez de estudos referência voltado para atletas mulheres homossexuais do alto rendimento.

IV - PROCEDIMENTOS DO EXPERIMENTO

AMOSTRA - Consiste em atletas profissionais, adultas, que se identifiquem enquanto LGBTQ+, que já tenham competido em ao menos um Jogos Olímpicos, e queiram contribuir com a pesquisa, com a tentativa de um mínimo de 3 atletas.

EXAMES - As coletas serão realizadas por meio de uma entrevista semiestruturada, com uma duração estipulada de no máximo 60 minutos podendo ser realizada novas perguntas desde que o entrevistado esteja de acordo. É uma entrevista sigilosa e confidencial onde será gravada para a transcrição dos resultados.

V - RISCOS ESPERADOS

A entrevista pode causar algum constrangimento por tratar de questões sobre a sexualidade, e experiências que possam ter causado algum trauma, mas esses acontecimentos são esperados e fazem parte da análise dos discursos, porém caso o participante não queira falar sobre o ocorrido, queria pausar a entrevista ou mesmo encerrá-la, terá seu direito reservado.

VI – BENEFÍCIOS

O trabalho apenas contribui para a área de pesquisas relacionadas à homossexualidade de atletas olímpicos, em busca de um melhor entendimento da visibilidade que o reconhecimento mundial pode dar ao esporte e a atleta.

VII – CRITÉRIOS PARA SUSPENDER OU ENCERRAR A PESQUISA

A qualquer momento em que ocorra problemas quanto a autorização da pesquisa ou outro problema que a impeça.

VIII -CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

SE PARTICIPANTE MAIOR DE IDADE

Após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa.

Lavras, _____ de _____ de 20__.

Nome (legível) / RG

Assinatura

ATENÇÃO! Por sua participação, você: não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira; será ressarcido de despesas que eventualmente ocorrerem; será indenizado em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa; e terá o direito de desistir a qualquer momento, retirando o consentimento sem nenhuma penalidade e sem perder quaisquer benefícios. Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa em seres humanos da UFLA. Endereço – Campus Universitário da UFLA, Pró-reitoria de pesquisa, COEP, caixa postal 3037. Telefone: (035) 3829-5182.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada com o pesquisador responsável e a outra será fornecida a você.

No caso de qualquer emergência entrar em contato com o pesquisador responsável no Departamento de Educação Física. Telefones de contato: 031 99776-4645 (Júlia)

ANEXO II – Roteiro de entrevista

- 1- Me conte uma história de alguma coisa que aconteceu depois que você se assumiu.
- 2- Qual foi um momento em que sua sexualidade foi colocada em evidência? Seja pela mídia, pelo público, por colegas, pela família.
Como você se sentiu?